

MARCUS WOOD. *The Black Butterfly: Brazilian Slavery and the Literary Imagination*. Morgantown: West Virginia University Press, 2019. 315pp. ISBN 978-1-9491-9903-1.

Direta ou indiretamente, Marcus Wood, em *The Black Butterfly*, toma para si a responsabilidade de expor, atrativamente, a produção literária brasileira para um público internacional, já que o autor admite que uma das razões pelas quais o livro veio a existir é a ainda escassa inserção da literatura brasileira no cenário mundial. Outra razão para a iniciativa de escrever a obra é uma obsessão pessoal do autor com a escravidão e sua representação cultural. O livro então apresenta ao mundo por meio de leituras pontuais, mas também contextualizadas, da obra de três grandes nomes, a literatura brasileira em sua relação com a sociedade escravagista e suas implicações na mesma.

A princípio pareceria (e parece) estranho que o tópico escolhido circunde assunto que ainda goza do status de tabu no Brasil devido à histórica e sistemática tentativa de apagamento da existência da escravidão iniciada assim que a abolição foi declarada. Contudo, Wood cria uma narrativa que justifica a escolha e recoloca a escravidão, e principalmente seus legados, em seu devido lugar (de ferida aberta, propositalmente suturada de má vontade, sem tricotomia), tanto na sociedade como na literatura que a tem como matéria-prima.

Um exame preliminar do sumário sugere certa aleatoriedade na seleção dos autores. Impressão que se desfaz devido à contextualização dos mesmos no tema da escravidão. Além disso também deve-se ter em conta o fato de que, apesar de o livro ser de interesse geral, seu público-alvo não se encontra no Brasil, portanto a eleição cobra sentido. Essa faceta exige o caráter de leitura pontual a que procede seu autor. Por isso, Wood se debruça sobre passagens das obras de Castro Alves, Machado de Assis e Euclides da Cunha, fornecendo possibilidades de tradução e leituras que visam a ilustrar as qualidades artísticas de cada uma delas para um público não exatamente familiarizado com a língua portuguesa.

A tática de Wood é estabelecer um diálogo entre cada um dos autores com nomes reconhecidos internacionalmente. E que conste que Wood não recorre àquela prática de estabelecer juízos de valor ao elevar os autores brasileiros à posição dos estrangeiros. Àqueles lhes é concedido *a priori* o mesmo patamar destes e somente então o diálogo ocorre, e este parece, sobretudo, querer proporcionar a seu público-alvo um exemplo familiar em que se alicerçar.

Castro Alves é caracterizado, com boa dose de entusiasmo, como um exímio elaborador de versos que ressignificam, como nenhum outro poeta de seu tempo em nenhuma língua, profundamente a situação de degradação física e moral a que as pessoas eram submetidas desde a travessia do Atlântico até a consumação de sua condição

de escravizadas. “O Navio negreiro” e “A Cachoeira de Paulo Afonso” são os textos principais escolhidos pelo autor para proceder à leitura que nos toma pelas mãos e nos faz perceber que Alves lidava com a circunstância de morte física e social a que as pessoas de origem africana eram impelidas, ainda que o “poeta dos Escravos” se perdesse, em certos momentos, em estereotipadas interpretações do continente africano.

Os capítulos dedicados a Machado de Assis retomam a discussão sobre sua relação, considerada insuficiente ou avessa por parte da crítica, com a escravidão e com a questão negra no Brasil. Wood se alinha aos que acreditam que tais pontos eram centrais na obra de Machado e desvela mecanismos estéticos que apontam para o tratamento cirúrgico a que o “Bruxo” submeteu a escravidão e seus legados na sociedade brasileira à época. O quinhão mais atraente da aproximação à obra de Machado se encontra na análise de *Memórias póstumas de Brás Cuba* (de onde o autor toma emprestada a metáfora da borboleta negra que dá título ao livro) porque Wood destaca e analisa a constante presença (e não ausência, como costuma argumentar parte da crítica machadiana) da escravidão. Apesar de trazer interessantes interpretações sobre questões raciais em alguns dos contos, infelizmente há certa desatualização em relação à bibliografia pertinente ao assunto. Bibliografia essa que enriqueceria a discussão e as conclusões propostas pelo autor, principalmente no caso de “Pai contra mãe,” cujo protagonista, Cândido Neves, é aprioristicamente lido como se fosse branco.

Talvez a melhor seção do livro, se é que se pode objetivamente proceder a tal comparação, seja a destinada a Euclides da Cunha. A própria decisão do autor de dedicar um livro a essas três sumidades permite tal cotejo porque o que se leva em conta aqui não é sua obra em si, nem tampouco a qualidade das análises, mas sim a necessária e mais imediata contextualização de *Os Sertões* na discussão de questões raciais no pós-Abolição. Wood traz para o primeiro plano a presença e *agência* de personagens, na obra euclidiana – que na sociedade da época simbolizavam uma parcela que essa mesma sociedade veementemente almejava (e buscou) obliterar: o que se costumou denominar os “não-brancos” – e, mais importante, no contexto social e histórico em que surgiu, se desenvolveu e foi obliterado o acontecimento que se tornou uma das páginas mais controversas de nossa história: Canudos. Wood propõe interessantes maneiras de ler o livro, o que fica mais explícito quando consideramos o contraponto que o autor faz com *La guerra del fin del mundo*.

Falantes do português acharão curiosas, aqui, ali e acolá, certas declarações e determinadas traduções, assim como interpretações que emergem das mesmas. Isso se dá porque quem se dedica a leituras pontuais incorre em riscos que se configuram como possibilidades de excessos no emprego da chave interpretativa, imprecisões ou até mesmo incorreções. *The Black Butterfly* não está isento disso e possui problemas que vão desde escolhas equivocadas de palavras, que não prejudicam o desenvolvimento do raciocínio, até a completa alteração do sentido de outras que sim tolhe a análise

e influencia a conclusão. Exemplos do primeiro caso encontram-se logo no primeiro capítulo e o mais evidente é o verbo “cansam,” que, por vir grafado com cê-cedilha (*cançam*)—um erro de digitação ou possivelmente variação ortográfica referente à época em que foi escrito o poema de Alves—, traduz-se como se fosse o verbo “cantam” (talvez por similaridade com o vocábulo “canção”). Um bom exemplo da segunda situação é a sugestão de que a expressão “iaíá,” corruptela de Sinhá, pudesse, à época, ter sido usada para referir-se às escravas e até mesmo às prostitutas, sem nenhum embasamento, a não ser por uma tradução, pouco convincente, e, no mínimo, problemática de uma entrada de dicionário em nota de rodapé. Devido à tal conjectura a interpretação da identidade racial de uma das personagens de Machado de Assis nos chega enviesada, o que prejudica todo o argumento nesse caso.

The Black Butterfly em sua empreitada de contextualização do tema proposto por meio da análise da obra de autores tão díspares, além de nos reapresentar a Alves, Machado e Cunha, traz de brinde importantes leituras de outros nomes da literatura mundial e brasileira, como Luiz Gama, Jorge Amado, Joaquim Nabuco para citar somente alguns. O livro, além de ser de interesse para uma gama imensa de pesquisadores em várias áreas, atinge seu objetivo de apresentar, em linhas atraentes e na sua importante relação com a escravidão, para um público internacional, a nem sempre devidamente (re)conhecida literatura brasileira. Marcus Wood, portanto, escreve certo, ainda que por linhas tortas em algumas ocasiões.

Paulo Dutra
University of New Mexico